

22 FEV 1987

Ano

O ESTADO DE S. PAULO — 7

Richa e Camargo continuam rompidos

CURITIBA
AGÊNCIA ESTADO

Os dois senadores eleitos pelo PMDB do Paraná estão rompidos. José Richa e Affonso Camargo começaram a discordar nas teses políticas e econômicas há poucas semanas, mas o desentendimento só cresceu e acabou até em discussão num recente jantar promovido pelo também paranaense ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, Deini Schwartz, em Brasília.

Já no almoço oferecido por um grupo de empresários ao governador do Paraná, João Elísio Ferraz de Campos, em Curitiba, as relações entre Richa e Affonso não pareciam amigáveis. Enquanto Richa defendia a licença do deputado Ulysses Guimarães da presidência do PMDB e chegava a sugerir Camargo como um "sucessor natural" para o cargo, o outro senador repetia que era candidato apenas a "1º vice-presidente" e censurava as críticas do ex-governador à direção do PDMB.

O fundamental é que Richa colava a culpa da crise econômica e política sobre a desarticulação do PMDB e Affonso culpava pelos mesmos erros o governo Sarney. Enquanto Richa se encontrava com outros constituintes, como Mário Covas, Severo Gomes, Pimenta da Veiga, Euclides Scalco, Gerson Camata, para colher subsídios para oferecer ao governo, tentando auxiliar a equipe econômica a encontrar soluções para a crise, Affonso fazia críticas ao governo.

Em reuniões fechadas, afirmam alguns dos que participaram destes encontros, Camargo chegou a questionar a legitimidade do mandato do presidente Sarney, sob o argumento de que ele não foi eleito pelo voto popular. Os parlamentares passaram a classificar Affonso de "oportunista", pois enquanto a crise econômica chega a patamares elevados, o senador, 3º vice-presidente do PMDB, aumenta as críticas ao governo.

A tensão entre Richa e Camargo explodiu mesmo após uma reunião dos parlamentares — na qual Affonso não apareceu — com o ministro da Fazenda, Dílson Funaro. O ministro revelou que "as taxas de juros só serão reduzidas num prazo de 60 a 90 dias, pois antes disto o governo continuará sem caixa e necessitado de captar papel no mercado". Depois disto, então, virá um congelamento de 120 dias, adiantou Funaro.

Richa foi claro: "Entre o meu Estado e o Brasil, fico com o Brasil", declarou ele, retirando seu apoio a Camargo. Para Richa, quem critica tão severamente o governo não pode conduzir o PMDB. E Camargo não deixou por menos: "Se for para entrar na turma do amém, que aceita tudo, sem criticar, então não quero ser vice-presidente do PMDB".

Embora o rompimento dos dois senadores pareça grave, o governador eleito do Paraná, também senador, Álvaro Dias, tentou esfriar os ânimos: "Esta é uma turbulência passageira, circunstancial, e se é que há algum desentendimento entre os dois, deve ser superado o mais rápido possível", disse.